

(FONTE) SILVA, MARINA

Partidos Ex-ministra afirma que sua oposição é à “velha política” e não a “essa ou aquela” legenda

‘Veto não é a sigla’, diz Marina Silva

Daniela Chiaretti
De São Paulo

A ex-senadora e ex-ministra Marina Silva diz que o desafio, “neste início de século, é integrar economia e ecologia em uma mesma equação”. Ela, que assinou o fato político dos últimos dias ao se aliar ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), do governador Eduardo Campos, de Pernambuco, acredita que as eleições “não serão marcadas pelas estruturas, pelo tempo de televisão, pelo marketing”, mas por uma “nova postura, que indique novos caminhos”.

Nesta entrevista que deu ao *Valor* em São Paulo, ela diz que “nenhum partido terá maioria para governar sozinho” embora critique a “distribuição de pedaços do Estado”. Para Marina, velhas formas de fazer política estão levando o país à estagnação. “O veto não é a essa ou àquela sigla. É a essa visão de política, de Estado, de composição.” Leia trechos da entrevista:

Valor: Na última pesquisa Datafolha, o que achou de a presidente Dilma herdar seus pontos?

Marina Silva: A pesquisa é ainda um momento muito inicial, estamos a um ano da campanha. A coligação é muito recente. Ela coloca na realidade política do Brasil um outro paradigma para a política. Em vez de ser uma coligação eleitoral, é uma coligação programática. O que aconteceu nessa pesquisa, com Eduardo [Campos, do PSB] dobrando a indicação de votos que tinha, é só uma sinalização que isso tudo está sendo recebido de forma muito esperançosa. Essas eleições não serão marcadas pelas estruturas, pelo tempo de televisão, pelo marketing. Serão marcadas por uma nova postura, que indique novos caminhos. Que faça uma “disruptura” nessa estagnação política que faz com que a gente hoje sofra a ameaça de perder as conquistas que já alcançamos, ficar na complacência em relação aos erros que cometemos, e na omissão em relação ao futuro.

Valor: Há alguma contradição entre sustentabilidade e o ideário econômico que a senhora defende?

Marina: Não há contradição. Sustentabilidade e o desenvolvimento econômico devem estar integrados. Estas coisas caminharam separadas durante séculos, como se a nossa ação para prover os meios materiais para a nossa existência tivesse uma fonte infinita de provimento. Depois veio o discurso de tentar compatibilizar. E agora a crise ambiental global se agrava a tal ponto que já não se trata mais de negar a realidade desse esgotamento dos recursos naturais, mas também já não se trata mais de pensar em como compatibilizar, como se uma coisa fosse em oposição à outra. Agora é como integrar. Nosso desafio, neste início de século, é integrar economia e ecologia em uma mesma equação.

Valor: O que significa isso?

Marina: Ao fazer essa integração, a gente sai da lógica de uso dos recursos de milhares de anos, tendo o lucro de apenas algumas décadas, para a ideia de como esses recursos possam perdurar de forma sustentável ao longo do processo civilizatório.

Valor: Como se faz isso?

Marina: Para encarar esse desafio, da integração, é fundamental termos na ciência, na tecnologia e na inovação uma base de suporte para estas mudanças. É preciso termos, nas prioridades dos investimentos, os meios para alavancar novas formas de produção, de produtos e de materiais. E também como isso se realiza do ponto de vista da sustentabilidade política, porque tudo isso se constitui em políticas de médio e longo prazo. Vamos ter que “ressignificar” a experiência econômica, social e cultural que temos, a partir delas mesmas. É uma espécie de mutação.

Valor: Mutação?

Marina: Não há como fazer uma transição demorada ou uma ruptura abrupta. É o pró-

prio tecido econômico-social que vai se transformando à luz dessa necessidade que está colocada. Isso é válido para todos os setores, para a indústria, a agricultura, o consumo, a ciência, até para a nossa maneira de ser. Sustentabilidade é uma visão de mundo, um ideal de vida. Esse ideal vai se realizar na forma de novos projetos identificatórios. Quais são eles, nesse começo de século? Com certeza não são aqueles do passado, carvão-petróleo-gás. Isso ainda não temos como substituir de forma abrupta, mas temos que transitar para o uso de fontes renováveis. Como vamos dar conta de alimentar 9 bilhões de pessoas? Não é aumentando a pressão sobre as florestas, sobre os recursos hídricos, sobre as áreas agricultáveis. É aumentando a produção por ganho de produtividade. São novas lógicas que vão se estabelecendo a partir do ideal de uma cultura de sustentabilidade.

Valor: Qual a proposta de governabilidade? Alianças mais estreitas? Como se governa assim?

Marina: Não dá para governar com bases nestas alianças que estão aí. Não dá para continuar. Não consigo imaginar como se pode dar um cheque em branco para mais quatro anos de governabilidade, em cima de distribuição de pedaços de Estado. Isso está completamente frágil. Mesmo com essa distribuição de cargos, esta base é completamente frágida, não dá sustentação para aquilo que é essencial e quando o governo não precisa. Não tem como continuar essa governabilidade com base no pragmatismo que não é feito a partir do compromisso com um programa. Se você parte do princípio de que é apenas uma aliança eleitoral — ganha a eleição e depois decide o que vai fazer — aí, para compor a base para este presidencialismo de coalizão, é preciso ficar distribuindo pedaços do Estado e viver a chantagem de mais espaço. Mas se você está aberto dentro de um programa, discutindo com as forças políticas o que é importante nessa agenda, e faz uma composição programática, é outra qualidade de base de sustentação. É este círculo virtuoso que tem que surgir, e este círculo vicioso tem que ser interrompido. A sociedade não tem mais como aguentar a ameaça de ver as conquistas serem perdidas por esse atraso na política. Não tem como suportar ver o futuro ameaçado porque só conseguem perceber o resultado da próxima eleição sem ter visão de futuro.

A sociedade não tem mais como aguentar a ameaça de ver as conquistas serem perdidas por esse atraso na política

Valor: Quais são estes desafios?

Marina: Educação, inovação, ciência, tecnologia, infraestrutura para o desenvolvimento sustentável com geração de energia renovável, segura e diversificada. Com uma infraestrutura que dialogue com as dinâmicas de desenvolvimento que vão se colocando, à luz das novas realidades econômica que estão surgindo no mundo e no Brasil.

Valor: Voltando à questão das alianças, quem deve ser vetado?

Marina: A velha política, a continuidade desta forma que temos e que está nos levando à estagnação. O veto não é a essa ou àquela sigla. É a essa visão de política, de Estado, de composição. Nenhum partido terá maioria para governar sozinho, mas nenhum partido fará diferença se a forma de buscar apoio para o programa de quem ganhou for com base, pura e simplesmente, na distribuição de cargos e em vantagens para que os políticos se

formem cada vez mais em um grupo de interesse de si mesmos.

Valor: Vocês falam em renovação da política. O que isso quer dizer?

Marina: Uma coisa que eu e Eduardo estamos fazendo é ter uma atitude de muita tranquilidade. Começamos este processo há uma semana. Não podemos ter a ansiedade de apresentarmos uma lista de projetos contemplando as questões da sustentabilidade como se fosse uma peça literária. É algo que tem que ser pactuado com os diferentes setores da sociedade. Queremos fazer isso com a sociedade e quebrando a lógica da polarização.

Valor: Como assim?

Marina: Há três grandes conquistas que reconhecemos a autoria: a democracia, conquistada e estabilizada por todos os partidos de tradição democrática e todos os movimentos. A estabilidade econômica, referenciada no governo do PSDB, a inclusão social referenciada no governo do presidente Lula. E, a partir desses ganhos, como a gente pode transitar para uma agenda que não mude porque mudou o governo.

Valor: O que a senhora quer dizer com “disruptura”?

Marina: Uma coisa importante é a necessidade desse realinhamento histórico. Essa polarização criou uma cristalização PT e PSDB que acaba fazendo um mal muito grande para o país. Cada um exclusivo em relação ao outro, ainda que para manter essa sua exclusividade tenha que ser tutelado pelas forças mais atrasadas da política brasileira. E como eu e Eduardo reconhecemos tanto as coisas boas do governo do PT e do PSD, talvez sejamos a esperança de provocar uma “disruptura”. Só uma outra concepção política não baseada na oposição pela oposição, mas que sabe reconhecer os ganhos e se dispõe ao diálogo, seria capaz de ajudar a promover este realinhamento. Em lugar de cada um querer ser exclusivo na lógica de política de curto prazo para aumentar o seu prazo na política, a gente precisa ter agenda estratégica de longo prazo em nossos curtos prazos. Isso só é possível dentro de uma lógica de projeto de país e não de projeto de poder.

Valor: Como está o Rede?

Marina: O Rede está vivendo um momento muito desafiador. Estamos constituídos na prática como um partido, temos proposta, militância, capilaridade social, capacidade de incidência na conjuntura política, mas não temos o registro legal. Obviamente, para a militância da Rede de um modo geral, é um momento quase de elaboração de um luto. [Em decisão anunciada ontem, a Executiva da Rede decidiu não ocupar cargos nas direções nacional ou estaduais do PSD]

Valor: Como foi o seu processo? A ideia da aliança com o PSB surgiu no meio da madrugada?

Marina: Depois que dei a coletiva, ainda no TSE, fui para o carro. Fomos todos para a casa de uma amiga minha. Eram dirigentes da Executiva, alguns do diretório, militantes, simpatizantes, nossos deputados. Tínhamos tanta certeza que íamos ter o registro, tínhamos tanta confiança na integridade do nosso trabalho, que a gente achava que, quando os senhores ministros [do TSE] se debruçassem sobre as questões que estávamos levantando e as provas materiais, iriam reparar a injustiça que foi praticada pelos cartórios, de anular 95 mil assinaturas sem justificativa. Esta certeza fez com que não tivéssemos um plano B. Naquele momento estávamos indo ali para discutir o que fazer.

Valor: Foram pensar no futuro.

Marina: É. Eu trabalho muito com metáforas, aí veio a ideia. Nesse momento me ocorreu assim: “Bem, falamos o tempo todo que não tínhamos plano B, mas o alfabeto tem 26 letras. Então, agora a gente vai para o Plano C”. Isso foi uma coisa que me ocorreu



Marina Silva: “Nosso desafio, neste início de século, é integrar economia e ecologia em uma mesma equação”

no carro, pensando, com pessoas chorando. Fomos para lá, e na discussão havia a ideia da anticandidatura. Também tinha a ideia de ir para um partido, e o que mais se aproximava era o PPS [Partido Popular Socialista]. Sua trajetória não nos confundiria com um movimento para um partido que não guardava uma base histórica de afirmação da sociedade brasileira. Mas mesmo nas duas hipóteses havia dificuldade de mantermos nossa coerência.

Valor: Por quê?

Marina: Sempre dissemos que somos um partido que quer contribuir com o processo político muito mais do que participando só de eleição. Não era um partido só para ter uma sigla para a candidatura de 2014. É um partido para contribuir com a mudança nas estruturas do país. Nos reconhecemos incoerentes com isso. Diriam: “Vocês têm base social, representação, dizem que são um partido e se recolhem, para ficar no conforto? E não vêm para o debate?”. Seríamos cobrados e isso seria incoerente.

Valor: E a opção do PPS?

Marina: Ir para um partido para viabilizar a candidatura também era incoerente. Porque era a repetição, e de uma forma muito mais aprofundada, do que tinha acontecido com a experiência do PV. Por mais que fosse uma filiação transitória e temporária, para viabilizar as candidaturas, a crítica, correta, que seria feita seria: “Vocês diziam que não têm um projeto do poder pelo poder, que não é só para eleição. Mas, na verdade, são iguais a todo mundo”. Aí veio a minha história do plano C e me ocorreu...

Valor: Foi um insight?

Marina: Pensei: “Que plano C pode ser este? Quem poderia se comprometer com as nossas propostas? Porque há o fato de não podermos estar diretamente defendendo as nossas ideias, mas as ideias estão aí. Das candidaturas postas, a do PSB era a que fazia mais sentido. Então veio a ideia. Se essa candidatura e esse partido se comprometesse em fazer uma aliança programática conosco, e se comprometesse com este programa que seria uma produção conjunta, era uma forma de contribuirmos, obviamente, sem mais colocar a questão da candidatura. Estariam contribuindo, não estariam em uma sigla de aluguel e estariam adensando esta candidatura posta. E, ao mesmo tempo, incidindo no processo político do país em um momento de eleição.”

Valor: Por que PSB e Eduardo

Campos seriam os que melhor poderiam abrigar as ideias do Rede?

Marina: Todas as ideias, não, mas a visão programática para o Brasil. Porque cada partido tem seu programa, seu estatuto, sua forma. Não é uma fusão, é uma aliança, mesmo. E quero dizer que o PSB teve uma atitude de muita solidariedade com o Rede. Quando não decidimos, em Brasília, pela criação do Rede, o presidente do PSB, governador Eduardo Campos, mandou uma carta afirmando que o Rede seria

uma importante contribuição para o país. Quando esta lei caíu, foi apresentada no Congresso para cassar o direito do Rede Sustentabilidade de se tornar um partido, foi o senador Rodrigo Rollemberg (PSB-DF) que entrou com mandado de segurança no Supremo. Havia uma série de pontos de contato iniciais para, pelo menos, propor a ideia. Era uma candidatura que estava lá, no seu campo, tentando se viabilizar e sendo minada de todas as formas. E eu, do meu lado, também tentando viabilizar o Rede e sendo minada de todas as formas. Foi com essa candidatura que entendi no momento de falar com a direção que havia a possibilidade de ser uma contribuição no plano das ideias e da visão de política.

Valor: Começou bem, então?

Marina: Começou bem, respeitando o meu lugar. E aí comecei a minha conversa, respeitando o lugar dele, dizendo que se tratava de propor essa configuração à qual me referi antes: ele tinha uma candidatura posta, ele tinha um partido que guardava pontos de contato com a gente e que nós gostaríamos de discutir com ele uma aliança programática, que fosse selada através de minha filiação ao PSB. Para que não ficasse nenhuma dúvida de que eu estaria ali para discutir programa, para discutir ideias. Mas que não poderia fazer isso em um discurso só. Era preciso selar na forma de um compromisso no qual o Rede Sustentabilidade é um partido de fato e está dialogando com um outro partido.

Valor: Já tem pontos de debate?

Marina: Sim. É fundamental a questão da mudança da renovação na política, da busca de uma nova qualidade na política. Para nós, um ponto fundamental, estratégico, é a renovação nos procedimentos e na cultura política. Outro ponto é a questão da sustentabilidade como o eixo estratégico da visão de desenvolvimento. E a manutenção das conquistas dos últimos anos, que são a consolidação da democracia, a estabilidade econômica e a distribuição de renda e inclusão social.

Essa polarização criou uma cristalização PT e PSDB que acaba fazendo um mal muito grande ao país

Valor: Qual foi a reação da sua família?

Marina: Bem, eu estava na reunião com meu marido, minha filha, uma boa parte da direção do Rede, assessores, alguns deputados. Todos reagiram com estranhamento. Foram surpreendidos. Eu fui surpreendida também pela ideia. No momento veio ali uma bateria de questionamentos, claro. Porque as outras propostas já tinham sido exaustivamente questionadas, prós e contras. A gente ficou o tempo todo diante de um dilema. Com a possibilidade dessa aliança com o PSB, aí foi criado um trilema. E claro que no trilema, as duas outras seriam excluídas. Fomos para o diálogo com os nossos mediadores — o Walter [Feldman, deputado federal de São Paulo,